



Os deuses ao crepúsculo segundo Pavese (e Tiago Guedes)

Em *Diálogos Depois do Fim*, um filme que é também uma série que é também teatro, o realizador de *A Herdade* e *Glória* confronta-se (e ao espectador) com a condição humana tal como pensada por Cesare Pavese.

Jorge Mourinha

Tiago Guedes opera entre o cinema, o teatro e a televisão. Este é o seu projecto mais inclassificável

Olhando para a filmografia de Tiago Guedes (Porto, 1971), descobrimos um dos poucos cineastas portugueses que têm conseguido evitar as armadilhas das catalogações: brincou com o cinema de género (*Coisa Ruim*, 2006), experimentou a encomenda de prestígio (*A Herdade*, 2019, apresentado na competição de Veneza), foi e é cúmplice do dramaturgo e encenador Tiago Rodrigues (*Tristezza e Alegria na Vida das Girafas*, 2019; *Restos do Vento*, 2022), fez alguma da televisão mais marcante dos últimos anos (*Odisseia*, 2013, e a primeira produção portuguesa para uma plataforma de streaming, *Glória*, 2021).

O que o realizador nos propõe agora, contudo, é outra coisa, bastante mais intrigante e menos fácil de catalogar. *Diálogos Depois do Fim* adapta os *Diálogos com Leucó* (1947), do escritor e poeta italiano Cesare Pavese (1908-1950) — um conjunto de textos inspirados pela Antiguidade Clássica onde deuses e musas e homens discutem a condição humana, algures entre o diálogo socrático e o debate filosófico. O elenco escalado é um verdadeiro “quem é quem” da classe: Isabel Abreu, Isabel Zuava, Joana Ribeiro, Maria João Pinho, Rita Cabaco, Sandra Faleiro, Victoria Guerra, Adriano Carvalho, Adriano Luz, Albano Jerónimo, Miguel Borges, Nuno Lopes, Welket Bungué.

Com a colaboração do actor João Pedro Vaz, também ele actor num dos episódios, Guedes trabalhou Pavese com peculiar respeito. Cada um dos 19 diálogos que seleccionou dos 27 do livro encena o texto integral e tem existência separada como episódio de uma série televisiva, onde é enquadrado por entrevistas rodadas “a quente”, com os actores que nele representam a falarem das personagens e dos temas do diálogo. Em paralelo, seis dos diálogos, sem o contexto documental, surgem alinhados numa intrigante longa-metragem para cinema com pouco mais de hora e meia: *Os Cegos*, *Espuma de Onda*, *A Fera*, *A Ilha*, *O Inconsolável* e *As Musas*.

Se as curtas em si são sempre as mesmas, é o contexto em que são vistas que muda — o que torna *Diálogos Depois do Fim* numa proposta tanto mais curiosa quanto estamos num mundo em que, cada vez mais, a ideia do que é um filme e de onde é que o vemos podem ter múltiplas respostas. Como que a prova-lo, o projecto, estreado na Mostra de São Paulo, começou por ser exibido no Leffest — Lisboa Film Festival, em Novembro último, em ambas as versões; e seguiu depois para o festival de Roterdão, onde foi exibida uma escolha de episódios feita em colaboração com a própria organização.

Foi nessa altura que o Ipsilon falou com Tiago Guedes, numa conversa

abrange, descontraída, que antecipava já a estreia comercial do filme, que aconteceu ontem e que será também acompanhada por sessões especiais (sempre aos fins-de-semana de manhã) com todos os episódios da série. Conversa na qual se percebe também que o lado descartado, rente ao osso, de *Diálogos Depois do Fim* tem qualquer coisa de quixotesco, no modo como procura cruzar linguagens que à partida são muito diferentes — cinema, televisão, teatro — e como propõe ao espectador um espaço de reflexão sobre questões centrais da condição humana, num momento em que a maior parte dos espectadores procura entretenimento puro e duro.

r razões muito pessoais, que têm a ver com um luto que eu estava a viver e uma forma de pensar o mundo em que me apetecia pegar. E fui buscar os contos que mais me ligavam a isso. O ponto unificador, para mim, foi muito claro na altura em que os estava a escolher, mas não consigo ressaltar de forma muito clara e objectiva porque é que são estes seis (e não outros). De onde é que aparece a ideia? Há muitos anos, o [produtor de cinema] Paulo Branco deu-me a ler os *Diálogos com Leucó*, porque queria fazer umas leituras encenadas durante o Leffest. Apanhou-me numa altura em que não estava com muito tempo, na altura disse-lhe que não, mas



Diálogos Depois do Fim
De Tiago Guedes
Com Isabel Abreu, Beatriz Maia, Adriano Luz, Maria do Céu Ribeiro, João Pedro Mamede
Em sala

★★★★☆

Podemos dizer que este é um projecto de “geometria variável” — na medida em que é, ao mesmo tempo, um filme e uma série de televisão, mas não são objectos equivalentes. A série são muitos episódios curtos com um enquadramento contextual, o filme é uma escolha restrita ao texto dos diálogos, que omite o contexto documental...

A génese, para mim, sempre foi a série: “Vou fazer estes 19 encontros e vou filmá-los assim.” O filme nasce depois, de uma vontade de não ficar fechado só em televisão, numa vontade conjunta com a [produtora] Ana Pinhão Moura de tentar arranjar forma de existir enquanto filme. O meu objectivo inicial era não só passar estas palavras do Pavese, mas interpretá-las de alguma forma. Fazer um cruzamento com o teatro, mas, ao mesmo tempo, trazer os actores para uma lógica de protagonismo quase autoral. A série, creio, cumpre mais esse propósito, até por causa dos momentos de entrevista em que os actores discutem o texto e as personagens. O filme surgiu numa altura muito específica, em que, depois de tudo filmado, escolhi aqueles seis por



Diálogos com Leucó, de Pavese, deu o pretexto para Tiago Guedes “trabalhar com muitos actores e numa lógica de teatro”

ficou-me na cabeça, agarrou-me de alguma forma. Passado um tempo, disse-me que poderia dar uma boa série... E eu andava à procura já há algum tempo de algo que pudesse fazer esta ponte entre o teatro e o cinema. E este pareceu-me mesmo certo: o facto de serem diálogos permitia-me trabalhar com muitos actores e numa lógica de teatro, no sentido em que decidi à cabeça que ia fazer os textos todos na íntegra, ou seja, em cada *take* filmávamos o texto todo, e os actores tiveram de trabalhar como se fosse uma minipeça. Foram

momentos muito especiais; estão numa lógica meio sagrada daquele tempo em que estão duas pessoas a dizer aquelas palavras. Tocou-me muito conseguir testemunhar isso, mergulhar na profundidade com os actores. **Posto dessa maneira, é um trabalho verdadeiramente colectivo, de equipa...** Foi um grupo pequenino, mas muito coeso. Eramos para aí 12 pessoas, nós ficávamos, mas os actores iam e vinham; tínhamos três dias para filmar cada diálogo, e às vezes só tinha



mos dois porque a meteorologia não colaborava... E foi muito engraçada essa dinâmica, porque os actores iam mudando, mas o espírito ia-se mantendo. **Como é que surgiu o casting? Houve actores específicos para personagens ou foi tudo intuitivo?**

Um pouco das duas coisas. Fui de alguma forma conhecendo e trazendo novas pessoas com quem tinha interesse em trabalhar, mas também havia outros que eu sabia perfeitamente que estavam certos [para aqueles textos], como a Isabel Zuava e o Tonán Quito [em *As Éguas*, um dos episódios televisivos]. Há pessoas que nem são actores: a Sofia Dias é bailarina, mas eu já a tinha visto dizer texto e gosto muito da maneira como ela fala, e achei que precisava daquela energia para aquele conto [*As Musas*, que surge no filme]. E depois fui fazendo uma espécie de *puzzle* para tentar um certo equilíbrio, mas que é muito intuitivo, que tem a ver com energias que sinto neles. **Os Açores funcionam quase como uma terceira personagem a tempo inteiro...**

Eu sempre tive o desejo de filmar nos Açores. Foi uma coisa que falei logo com a Ana, e daí também reduzimos a equipa ao osso. Precisava desta dimensão da natureza que em Portugal continental é mais difícil conseguir. Precisava da ligação com o mar, aquele mar, e precisava de montanhas e rochas escuras, por causa da

“Este mergulho no universo de Pavese fez-me reflectir no papel que temos, enquanto humanos e criadores, naquilo de que estamos todos à procura, uma tentativa de ligação e de sentido”

dimensão rochosa da História. Também por isso, uma das coisas mais complexas de decidir foi: como é que eles vão estar vestidos? Como é que eu consigo neutralizar todas as leituras de personagens ou de deuses? Eu queria ir ao que o Pavese faz no texto, que é humanizar por completo aqueles deuses todos, e queria manter essa humanização ou até torná-los ainda mais humanos.

Esta ideia de adaptar o Pavese tem qualquer coisa de serviço público, a contracorrente de tudo...

Há uma coisa que foi muito importante e foi intencional, mas nunca pensei que o conseguisse deste modo, que é reivindicar um certo tempo de digestão. É um filme feito para olhar para a arte e pensar a arte em diálogo com o mundo. O que eu quero é uma tentativa de um diálogo entre o Pavese e nós, uma descoberta do que é que andamos aqui a fazer. Estamos aqui a tentar perceber os grandes conceitos nos quais normalmente não perdemos tempo a pensar, mas que, se calhar, são muito importantes. É algo que acho que cada vez menos existe, mas senti [nas sessões do Leffest] que as pessoas reagiram bem ao facto de serem confrontadas com algo que as obriga a estar aqui, neste tempo, a digerir este tempo, estas palavras e estas imagens. Não estou só a ser bombardeado visualmente com conceitos e imagens, e coisas que me adormecem, e fico entredito e acabou. É algo que me envoca a participar, e isso é uma das coisas de que sinto muita falta no que vejo. E senti-me muito feliz quando, de repente, achei que, ao contrário do que eu pensava, ver os episódios em sala funcionava, porque obrigava a mergulhar numa zona de maior foco, de maior concentração.

Mas há claramente algo de muito pessoal, ou de mais pessoal, aqui. É este o “verdadeiro” Tiago Guedes, por oposição a projectos anteriores como *A Herdade* ou *Glória*?

Curiosamente, senti-me muito num território em que se calhar ainda não me tinha sentido. Encontrei-me muito nestas palavras e neste cruzamento entre cinema, actores, teatro. E não sei se teve a ver também com o *timing* na minha vida, mas foi um processo muito, muito especial para mim, em termos de comunhão emocional e artística. Sinto que aprendi muito, que cresci muito com o processo, tive uma sensação de liberdade. Este mergulho no universo de Pavese fez-me reflectir no papel que temos, enquanto humanos e enquanto criadores, naquilo de que estamos todos à procura, uma tentativa de ligação e de sentido. Foi muito enriquecedor.